

Testemunha dispensada diria o que viu em hotel de Altamira

O agricultor Eli Pacheco revelou ontem o quealaria no Tribunal do Júri, caso o seu testemunho não tivesse sido indeferido pelo juiz Ronaldo Valle. Morador há 20 anos de Altamira, ele iria jogar por terra a afirmativa de Valentina Andrade sobre as vezes que ela esteve em Altamira. A ré garante que sempre se hospedou no hotel Xingu, de propriedade do então marido, Duílio Nolasco. Segundo Eli, entre 86 e 88 (ele

não soube precisar o anor) Valentina e uma caravana de oito pessoas estiveram em Altamira hospedados no hotel Paulista e não apenas no Xingu. O grupo que estava com Valentina, contou Eli, era oriundo de Londrina. Entre os presentes, o agricultor disse ainda que havia uma pessoa que falava espanhol. "O marido de Valentina", ressaltou.

O agricultor detalhou que no período que Valentina ficou hos-

pedada no Paulista, ele trabalhava como gerente do hotel. "Eu coordenava as coisas quando os donos viajavam", disse. Um detalhe, recorda Eli, chamava atenção no comportamento do grupo "liderado por Valentina": "Eles ficavam até altas horas da madrugada, na calçada, conversando. A maneira que ela era respeitada também chamava atenção. Valentina era chamada de mamãe, mãezinha por todos".

Ex-agente da PF comparece e diz que desistiu de testemunhar

O ex-agente da Polícia Federal, José Carlos Machado, arrolado como testemunha no julgamento de Valentina de Andrade, se apresentou ontem ao Tribunal do Júri, em Belém, para recusar-se a prestar depoimento. A defesa insistiu que o depoimento dele é "imprescindível", houve debate com a bancada da acusação e os jurados decidiram, por quatro votos a três, que o ex-agente terá que depor. Carlos foi admitido como informante, pois, legalmente, estava impossibilitado de ser testemunha porque faltou anteontem à declaração pública (ou "pregão"), que oficializa as testemunhas de acusação e defesa no julgamento, e, ainda, não ficou incommunicável durante a sessão, conforme é exigido.

Segundo o defensor Cláudio Dalledone Júnior, José Carlos foi o primeiro policial a vincular o nome de Valentina à autoria das mortes dos meninos de Altamira. "Queremos saber quais os indicativos motivadores disso", disse o advogado, que classificou como "estranha" a recusa do ex-agente em depor. "Atribuímos a atitude dele ao receio e ao medo, pois os interesses que o moviam não o movem mais", sugeriu, sinalizando que a tese da defesa é de que a Polícia tem algum

propósito oculto para responsabilizar Valentina.

O comparecimento de José Carlos surpreendeu o público presente, pois ele estava arrolado como testemunha da defesa há bastante tempo e havia faltado a todas as ocasiões em que o julgamento foi adiado. Ele explicou ao juiz da 15ª Vara Penal, Ronaldo Valle, que preside a sessão, que esteve fora de Belém.

Enfaticamente, Carlos disse que não queria depor em favor de Valentina porque participou das investigações e, por isso, se sente suspeito para comentar o assunto. O juiz da 15ª Vara Penal, Ronaldo Valle, que preside o julgamento, disse que a lei ampara a admissão tardia de testemunha que não assistiu a nenhum ato do julgamento, mas, na prática, não tinha como obrigá-lo a falar e, por isso, decidiu pôr em votação aos jurados, para que eles decidissem se queriam ou não ouvir Carlos. "Se ele (Carlos) não abrir a boca, não acontece nada porque ele é informante", declarou o assistente de acusação, Clodomir Araújo Júnior.

Posteriormente, Carlos pediu para ser dispensado ontem para solucionar questões pessoais, retornando posteriormente para depor. A acusação e a defesa concordaram

em liberá-lo temporariamente. O juiz, preocupado que a situação possa vir a ser usada futuramente para pedir a nulidade do julgamento, exigiu que o acordo fosse formalizado.

A ausência de Carlos fizera a defesa requerer a nulidade do julgamento, dentre uma lista de 16 itens que tinham a mesma finalidade, no início da sessão, anteontem. Mas com o aparecimento da testemunha, o juiz requereu que a defesa reconsiderasse a alegação de nulidade quanto ao ex-agente.

Testemunhas - Ainda não se tem previsão de quando as testemunhas começarão a ser ouvidas devido à grande quantidade de documentos e fitas de vídeo que a acusação e, sobretudo, a defesa querem que sejam exibidos aos jurados. A acusação conta apenas com a testemunha Edmilson Fração e quatro informantes: os sobreviventes da emasculação [X] e Wandicley Pinheiro; o pai da vítima fatal Jaenes Pessoa, Juarez Pessoa; e a irmã do morto Judirley Chipaia, Lúcia Chipaia. Já a defesa, tem quatro testemunhas: a professora Maria do Socorro Patello, o delegado Brivaldo Soares Filho, Mônica Barbel e o argentino Guillermo Gibbon.